

**A GESTÃO DE PAULO MACEDO NA CGD: redução do crédito à economia e as famílias, perda de quota de mercado, liquidez em excesso não utilizada, enorme aplicação em títulos com risco, vendas de carteira de crédito, “write-offs”, resultados obtidos à custa dos depositantes e da reversão de imparidades e provisões excessivas e redução de trabalhadores e agências**

O mandato da administração de Paulo Macedo na CGD já terminou. Imediatamente o marketing da CGD e os defensores de Paulo Macedo na comunicação social procuraram fazer passar a mensagem junto da opinião pública que a sua gestão tinha sido um êxito, e que a administração de Paulo Macedo tinha salvo a CGD. Simultaneamente os media divulgaram que o governo tencionava reconduzir a administração de Paulo Macedo para novo mandato (2021/2024). Interessa por isso, analisar com objetividade e com base em números os resultados da gestão de Paulo Macedo para a CGD, para os trabalhadores da CGD e para o país. É o que vamos fazer utilizando apenas os dados da própria administração de Paulo Macedo divulgados nos Relatórios e Contas de 2015/2020 para assim terem acesso a outra opinião diferente

**A REDUÇÃO DO CRÉDITO À ECONOMIA E ÀS FAMILIAS E O NÃO CUMPRIMENTO DA MISSÃO DA CGD**

Uma das missões mais importantes da CGD é apoiar as famílias e as empresas, através da concessão de crédito embora fazendo uma análise rigorosa do risco e assegurando as garantias necessárias ao seu reembolso, com o objetivo de promover o crescimento económico e o desenvolvimento do país. Ora durante a vigência da administração de Paulo Macedo verificou-se precisamente o contrário, tendo-se registado uma forte redução no crédito concedido pela CGD às famílias e à economia como revelam os dados do quadro 1 retirados dos Relatórios e contas da CGD.

**Quadro 1- Evolução do crédito concedido pela CGD às famílias e empresas por Paulo Macedo**

SETORES	Dez.2015 Milhões €	Dez.2016 Milhões €	Dez.2017 Milhões €	Dez.2018 Milhões €	Dez.2019 Milhões €	Dez.2020 Milhões €	2015-2020 Var. %
<b>EMPRESAS</b>	<b>29 860</b>	<b>27 632</b>	<b>21 928</b>	<b>19 714</b>	<b>18 692</b>	<b>18 723</b>	<b>-37,3%</b>
<b>PARTICULARES</b>	<b>36 053</b>	<b>34 264</b>	<b>30 790</b>	<b>29 518</b>	<b>28 255</b>	<b>28 255</b>	<b>-21,6%</b>
Habituação	32 995	31 542	27 993	26 862	26 067	25 948	-21,4%
Outros fins	3 058	2 722	2 798	2 656	2 188	2 307	-24,6%
<b>GOVERNO</b>	<b>5 462</b>	<b>6 839</b>	<b>7 093</b>	<b>5 693</b>	<b>3 176</b>	<b>3 171</b>	<b>-41,9%</b>
<b>TOTAL</b>	<b>71 375</b>	<b>68 735</b>	<b>59 811</b>	<b>54 925</b>	<b>50 123</b>	<b>50 149</b>	<b>-29,7%</b>

FONTE: Relatórios e contas da CGD - 2015,2016, 2017, 2018, 2019 e 2010 - do Conselho de Administração

Entre 2015 e 2020, o crédito concedido pela CGD às empresas diminuiu em 37,3%, ou seja, em 11.137 milhões €. No mesmo período, a redução do crédito às famílias foi de 21,6%, ou seja, de 7.798 milhões €. Mesmo o crédito à habitação sofreu uma enorme redução de 7.041 milhões € (-21,4%). Globalmente, a redução no crédito total durante a administração de Paulo Macedo foi de 29,7%, ou seja, de 21.226 milhões €. Deliberadamente ou por incapacidade, a gestão de Paulo Macedo não cumpriu a missão da CGD que é a de promover o crescimento económico e o desenvolvimento do país. Esta a realidade e a verdade sobre os resultados da gestão de Paulo Macedo na CGD segundo os Relatórios e contas

**A CGD PERDEU QUOTA DO MERCADO DO CRÉDITO COM PAULO MACEDO, O QUE CONTRIBUIU PARA O AUMENTO DO DOMINIO DO SETOR E DA NOSSA ECONOMIA PELOS BANCOS ESTRANGEIROS**

Um outro aspeto que caracterizou a administração de Paulo Macedo foi a redução de quota que a CGD detinha no crédito total concedido pela banca no país a favor dos bancos controlados por grupos estrangeiros como revelam os dados do quadro 2 também dos Relatórios da CGD

**Quadro 2 – A perda de quota do mercado de crédito da CGD durante a gestão de Paulo Macedo**

SETORES - Quotas crédito	Dez.2015	Dez.2016	Dez.2017	Dez.2018	Dez.2019	Dez.2020
<b>EMPRESAS</b>	<b>19,8%</b>	<b>18,8%</b>	<b>17,1%</b>	<b>15,2%</b>	<b>14,6%</b>	<b>14,5%</b>
<b>PARTICULARES</b>	<b>23,6%</b>	<b>23,0%</b>	<b>22,2%</b>	<b>21,1%</b>	<b>19,7%</b>	<b>19,5%</b>
Habituação	26,5%	26,1%	25,4%	24,3%	23,6%	23,3%
Consumo	7,0%	6,7%	4,9%	4,4%	3,3%	3,8%
<b>SETOR PUBLICO ADMINISTRATIVO</b>	<b>33,3%</b>	<b>34,4%</b>	<b>30,9%</b>	<b>27,6%</b>	<b>26,3%</b>	<b>25,9%</b>
<b>TOTAL</b>	<b>22,5%</b>	<b>21,8%</b>	<b>20,8%</b>	<b>19,3%</b>	<b>18,2%</b>	<b>18,0%</b>

FONTE: Relatórios e contas da CGD - 2015 , 2016, 2017, 2018, 2019 e 2010 - do Conselho de Administração

Em 2015, ano anterior à entrada de Paulo Macedo para a administração da CGD, a CGD detinha 22,5% de todo o crédito concedido no país, sendo por isso o maior banco do país. No fim da gestão de Paulo aquela quota de 22,5% estava reduzida apenas a 18%. No mesmo período, a quota do crédito às empresas tinha diminuído de 19,8% para 14,5%, e às famílias (particulares) de 23,5% para 19,5%. A CGD, com Paulo Macedo perdeu quota de mercado até na Habitação e no Setor Público Administrativo. Em contrapartida quem ganhou quota de mercado foram os bancos controlados por estrangeiros. A gestão de Paulo Macedo permitiu o aumento do domínio quer do setor bancário quer da economia pelos grupos estrangeiros. Estes dados também mostram que a redução do crédito da CGD (quadro 1) não é explicada pela redução do crédito no país, mas sim pela perda de quota de mercado pela CGD. Esta é também a verdade e a realidade da gestão de Paulo Macedo na CGD segundo os Relatórios e contas.

Se quiser receber gratuitamente estes estudos semanais inscreva-se em [www.eugeniorosa.com](http://www.eugeniorosa.com)

**A REDUÇÃO SIGNIFICATIVA DO CRÉDITO CONCEDIDO PELA CGD DURANTE A GESTÃO DE PAULO MACEDO NÃO TEM COMO CAUSA NEM FALTA DE LIQUIDEZ NEM RÁCIOS DE CAPITAL INSUFICIENTES. A DIMINUIÇÃO DO RÁCIO DE TRANSFORMAÇÃO É UM INDICADOR DE UMA GESTÃO INEFICIENTE**

Os dados do quadro 3, que são dos Relatórios e contas da CGD durante o período da gestão de Paulo Macedo, tornam ainda mais claro as características e os resultados da sua administração.

**Quadro 3 – Rácios de capital, de liquidez e de transformação – administração de Paulo Macedo -2015/2020**

RACIOS	2015	2016	2017	2018	2019	2020
Common Equity Tier 1 (CET 1)	7,0%	12,1%	14,0%	14,6%	16,8%	18,3%
Tier 1	7,0%	13,0%	15,1%	15,7%	17,9%	19,5%
Rácio Total	8,1%	14,1%	15,7%	16,9%	19,3%	20,9%
<b>RÁCIO DE LIQUIDEZ (LCR)- excesso de liquidez não utilizada revela ineficiência de gestão</b>	<b>177,5%</b>	<b>176%</b>	<b>208,9%</b>	<b>234,6%</b>	<b>332,0%</b>	<b>494,3%</b>
<b>RACIO TRANSFORMAÇÃO - inferior a 100% indica gestão ineficiente</b>	<b>90,1%</b>	<b>89,1%</b>	<b>86,8%</b>	<b>82,3%</b>	<b>72,9%</b>	<b>66,5%</b>

FONTE: Relatórios de 2015, 2016, 2017, 2018, 2019 e de 2020 da CGD

Em 2015, antes do Estado, ou melhor os contribuintes, terem recapitalizado a CGD com 4.000 milhões €, os **rácios de capital da CGD (CET1, Tier 1 e Total)** eram manifestamente insuficientes (*variavam entre 7% e 8,1%*) e constituíam um obstáculo à concessão do crédito embora o **rácio de liquidez (LCR)** estivesse acima do mínimo exigido pelo banco de Portugal que era, nessa altura, de 100%.

Em 2016 com a recapitalização enorme da CGD feita pelo Estado com dinheiro dos contribuintes verificou-se um aumento significativo dos rácios de capital (*entre 72,8% e 85,7%*) que continuaram a aumentar com base na criação orgânica interna de capital, e por meio de “write-offs” (1100M€ a que se soma 1933M€ feitos em 2016, créditos abatidos ao Ativo por se considerarem perdidos) e vendas de carteira de crédito (2690M€ que geraram perdas pois quem compra quer ganhar em média 20%) que reduziram o RWA (*entre 2016 e 2020 diminuiu de 55014M€ para 33750M€, um fator positivo*). Portanto, não são rácios de capital baixos ou insuficientes que impediram a concessão de mais crédito às famílias e à economia. O mesmo se pode dizer do rácio de liquidez que era, em 2020, 494,3%, o mais elevado em toda a banca em Portugal (o exigido pelo Banco de Portugal é 150%). A CGD não tem problemas de falta de capital nem de liquidez.

A análise da evolução do “**Rácio de transformação**” mostra que o que se verificou foi incapacidade ou recusa da administração da CGD para aumentar, com segurança, o crédito às famílias e à economia como fizeram os bancos controlados por estrangeiros que assim conseguiram apropriar-se de uma parcela da quota de mercado antes detida pela CGD. O “**rácio de transformação**” obtém-se dividindo o montante de euros de crédito concedido por cada 100€ de depósitos. Em 2015, o rácio de transformação era de 90,1%, ou seja, a CGD por cada 100€ de depósitos concedia crédito no valor de 90,1€. Em 2020, o rácio de transformação baixou para 66,5%, ou seja, que por cada 100€ de depósitos a CGD concedeu crédito no valor de 66,5€. Para se poder ficar com uma ideia da dimensão da ineficiência basta recordar que a própria “troika” fixou como limite um rácio de transformação de 100% (por cada 100€ de depósitos, conceder 100€ de crédito). Esta é a verdade e a realidade sobre a gestão de Paulo Macedo na CGD.

**NO LUGAR DE CONCEDER MAIS CRÉDITO, PAULO MACEDO OPTOU EM INVESTIR EM TÍTULOS, TRANSFORMANDO A CGD NUM BANCO QUE APOSTA EM MAIS-VALIAS AUMENTANDO ASSIM O RISCO**

Confirmando a incapacidade da gestão para aumentar o crédito à economia e às famílias, que é a missão da CGD, Paulo Macedo optou por investir maciçamente o dinheiro dos contribuintes e dos clientes em títulos, o negócio por excelência de uma entidade que aposta na especulação, o que não faz parte da missão da CGD. O quadro 4 mostra a dimensão que atingiu tal política na CGD.

**Quadro 4 – Variação do Ativo líquido e das aplicações de títulos durante a administração de Paulo Macedo**

RÚBRICAS	2015 Milhões €	2016 Milhões €	2017 Milhões €	2018 Milhões €	2019 Milhões €	2020 Milhões €	2015-2020 Milhões €
<b>ATIVO LIQUIDO</b>	100 901	93 547	93 248	89 129	85 776	91 375	<b>-9 526</b>
<b>Aplicações em títulos</b>	19 649	15 581	17 337	17 995	20 542	23 445	<b>3 796</b>
<b>APLICAÇÕES EM TÍTULOS % DO ATIVO LIQUIDO</b> (valor elevado é um indicador de uma gestão que aposta na especulação ou incapaz de aumentar o crédito)	<b>19,5%</b>	<b>16,7%</b>	<b>18,6%</b>	<b>20,2%</b>	<b>23,9%</b>	<b>25,7%</b>	

FONTE: Contas da CGD - 4º Trimestre de 2015, 2016, 2017, 2018, 2019 e 2020

Entre 2015 e 2020, com a administração de Paulo Macedo, o Ativo da CGD diminuiu em 9.626 milhões € (-9,4%), e as aplicações em títulos, que representam um elevado risco para CGD, pois podem determinar elevados prejuízos, aumentaram de 19,5% do Ativo em 2015, reduzido para 16,7% em 2016, para 25,7% em 2020, mais de um quarto do Ativo líquido total consolidado da CGD. Não se aumenta o crédito à economia e às famílias, mas investe-se 23.445 milhões € em títulos, certamente a maior percentagem existente no setor bancário, cujo valor está sujeito a flutuações devido aos riscos que incorpora. Qualquer gestor prudente nunca faria um investimento com tal dimensão em títulos, o que até não é a missão da CGD, ainda mais com dinheiro dos contribuintes e dos clientes. Esta é também a verdade e a realidade da gestão de Paulo Macedo na CGD segundo os Relatórios e contas

Se quiser receber gratuitamente estes estudos semanais inscreva-se em [www.eugeniorosa.com](http://www.eugeniorosa.com)

## RESULTADOS OBTIDOS À CUSTA DOS DEPOSITANTES, DE IMPARIDADES EXCESSIVAS DEVIDO À ENORME RECAPITALIZAÇÃO DA CGD PELO ESTADO E REDUÇÃO DE TRABALHADORES E AGÊNCIAS

Para uma mais fácil e clara compreensão da forma como a administração de Paulo Macedo obteve resultados positivos, que ela e os seus defensores, nomeadamente na comunicação, tanto se gabam, selecionamos dos dados divulgados pela administração nos seus relatórios os que constam do quadro 5

**Quadro 5 – Os principais instrumentos utilizados pela administração de Paulo Macedo para obter resultados positivos – Contas consolidadas - 2015/2020**

RÚBRICAS	2015 Milhões €	2016 Milhões €	2017 Milhões €	2018 Milhões €	2019 Milhões €	2020 Milhões €	2015/2020 Var. %
Juros e rendimentos similares (diminuição significa incapacidade da administração para aumentar crédito)	2 905	2 470	2 345	2 041	1 828,0	1 482,2	-49,0%
Juros e encargos similares (diminuição e obtida a custa da redução das taxas de juro pagas aos depositantes)	1 820	1 431	1 104	858	696,0	456,4	-74,9%
<b>MARGEM FINANCEIRA</b>	<b>1 085</b>	<b>1 039</b>	<b>1 241</b>	<b>1 183</b>	<b>1 132</b>	<b>1 026</b>	<b>-5,4%</b>
Receitas de comissões (aumento obtido à custa da multiplicação das taxas aplicadas aos depositantes)	622	568	589	604	630,4	611,3	-1,6%
Encargos com comissões	123	118	124	124	128,4	114,2	-7,5%
COMISSÕES LÍQUIDAS - multiplicação de comissões sobre depositantes	498	450	465	480	502	497	-0,2%
CUSTOS COM PESSOAL - redução trabalhadores	804	661	659	610	583,4	501,9	-37,6%
GASTOS GERAIS ADMINISTRATIVOS- redução agencias	458	415	358	314	287,2	237,6	-48,2%
IMPARIDADES CREDITO LIQUIDAS ( quando negativas é porque as realizadas em anos anteriores foram excessivas, o que aumenta os lucros)	556	2 383	86	121	-47,6	-179,9	
PROVISÕES LIQUIDAS OUTROS ATIVOS (poque as realizadas em anos anteriores foram excessivas o que aumenta os lucros do ano)	159	616	591	-89	-124,8	26,1	
<b>RESULTADO DO EXERCÍCIO</b>	<b>-82</b>	<b>-1 860</b>	<b>52</b>	<b>496</b>	<b>760</b>	<b>523</b>	
Agencias bancarias em Portugal (redução do número)	764	651	587	551	551	543	-28,9%
CGD Portugal - Trabalhadores (destruição postos de trabalho)	8 470	8 113	7 689	7 244	6 706	6 244	-26,3%

FONTE: Press release do 4º Trimestre e Relatórios Contas da CGD de 2015, 2016, 2017, 2018, 2019 e 2020

A atividade por excelência de um banco como é a CGD, o seu “core business” é a de intermediação, pagando juros pelos depósitos que recebe (*operações passivas*) e cobrando juros pelo crédito que concede (*operações ativas*). Associada a esta, está a das comissões que cobra pelos serviços prestados e as que paga pelos serviços que necessita. O resultado constitui aquilo que se designa por “*Produto bancário core*”, que é precisamente o valor acrescentado que resulta da atividade “core” do banco. Vejamos então como estes dois instrumentos foram utilizados pela administração de Paulo Macedo.

Devido a diminuição da carteira de crédito concedido pela CGD e também devido à redução da taxa de juros cobrada pelo banco, a receita de juros cobrados diminuiu, entre 2015 e 2020, em 49% (- 1422,3 milhões €), mas os juros pagos aos depositantes sofreram uma redução de 74,9% (-1365,4 milhões €), pois os depósitos estão a ser remunerados com uma taxa próxima de zero. Cerca de 95,9% da redução de receitas resultantes do crédito concedido foi suportada pelos depositantes, apesar dos depósitos terem aumentado (*entre 2015 e 2020, passaram de 66.692 milhões € para 72.033 milhões €*). Associado com a atividade anterior estão as comissões líquidas. Apesar da significativa redução do crédito concedido as receitas líquidas das comissões apenas sofreram uma redução de 0,2% (um milhão de euros). Isso foi conseguido fundamentalmente através da multiplicação e aumento das comissões aplicadas aos depositantes em que, muitas vezes, os juros nem davam para pagar as comissões, o que os obrigou a pagar utilizando o próprio capital (depósito feito). O banco publico fez o que os outros fizeram (*massacre dos depositantes com juros próximos de zero que nem cobrem a inflação e com a multiplicação de comissões*).

Outro instrumento utilizado pela administração de Paulo Macedo foi a redução de custos operacionais, nomeadamente de pessoal que, entre 2015 e 2020, sofreram uma redução de 37,6% e dos “gastos administrativos” que, no mesmo período, registaram uma diminuição de 48,7%. Isso foi conseguido através da destruição de 2.226 postos de trabalho e do fecho de 221 agências só na CGD em Portugal.

Um outro instrumento utilizado para aumentar os resultados foi a reversão de imparidades ou provisões feitas em excesso em anos anteriores (*em 2016 foram constituídas de 3.016,9 milhões de imparidades*) possíveis devido ao facto do Estado ter recapitalizado a CGD com 4.000 milhões € de dinheiro cobrado aos contribuintes. Pelos menos 441,3 milhões € dos resultados apresentados pela administração de Paulo Macedo resultaram de reversões de imparidades e provisões como os dados do quadro 5 revelam.

### COMENTÁRIOS FINAIS PARA REFLEXÃO DOS LEITORES: uma CGD mais frágil

Uma CGD com um Ativo mais reduzido, com menos crédito concedido às famílias e à economia, com uma quota de mercado mais reduzida, num setor vital onde o domínio estrangeiro aumentou devido à perda de posição da CGD, com menos trabalhadores e menos agências, ou seja, uma CGD mais frágil, eis o resultado da gestão da administração de Paulo Macedo. É importante que os portugueses tenham acesso a uma opinião diferente da oficial, fundamentada em dados, para assim poderem formular a sua própria opinião sobre a gestão de Paulo Macedo na CGD, o que é o mais importante. E é importante porque se trata de um banco público que quando é mal gerido, as consequências são suportadas pelos contribuintes, ou seja, por todos nós através de recapitalizações feitas pelos Estado, como aconteceu já no passado. E é ainda um dos poucos bancos de capital totalmente português a operar em Portugal. Estas são as razões deste estudo. Eugénio Rosa – [edr2@netcabo.pt](mailto:edr2@netcabo.pt) – 10-5-2021